Psicologia em Ênfase

v.1, n. 1, p. 70-86. Agosto/2020

Treinamento em Habilidades Sociais: uma intervenção clínica

Danilo Pereira Lima [1]
Maria Virgínia de Carvalho [2]

Resumo

O objetivo deste trabalho foi realizar e avaliar o treinamento de habilidades sociais no formato individual. Os atendimentos foram realizados no Núcleo de Estudo, Pesquisa e Prática Psicológica – NEP, do Centro Universitário Alves Faria – UNIALFA. Como instrumento de medida para avaliação do repertório comportamental em habilidades sociais utilizou-se o Inventário Assertivo e entrevistas realizadas com o cliente. Constatou-se com a aplicação do instrumento que o cliente apresentava um padrão de comportamento socialmente não-hábil, o que foi percebido como repertório comportamental agressivo nos relatos trazidos pelo cliente. Durante o treinamento em habilidades sociais utilizou-se de textos informativos, da análise funcional dos comportamentos e das técnicas de ensaio comportamental, *feedback*, reforçamento, modelação, modelagem, tarefas de casa, instrução e procedimentos cognitivos. Os resultados, expressos nas verbalizações trazidas pelo cliente demonstraram um repertório comportamental assertivo em alguns contextos, sem a observação de generalização deste. Na reaplicação do Inventário Assertivo percebeu-se uma redução no repertório geral de assertividade do cliente. Conclui-se que esta redução possa ser explicada pela percepção mais adequada do próprio comportamento. Ressalta-se que talvez a generalização de comportamentos assertivos poderia ter ocorrido com um número maior de sessões em que se tivesse a oportunidade de treinar outras classes de comportamentos.

Palavras-chave: Treinamento em habilidades sociais; Análise funcional; Comportamento

Abstract

The objective of this work was to carry out and evaluate social skills training in an individual format. The consultations were carried out at the Center for Study, Research and Psychological Practice - NEP, at the Alves Faria University Center - UNIALFA. As an instrument for measuring the behavioral repertoire in social skills, the Assertive Inventory and interviews with the client were used. It was found with the application of the instrument that the client had a pattern of socially behavior unskilful, which was perceived as an aggressive behavioral repertoire in the reports brought by the client. During training in social skills, informative texts, functional analysis of behaviors and behavioral testing techniques, feedback, reinforcement, modeling, modeling, homework, instruction and cognitive procedures were used. The results, expressed in the verbalizations brought by the client, demonstrated an assertive behavioral repertoire in some contexts, without the observation of its generalization. In the reapplication of the Assertive Inventory, there was a reduction in the client's general assertiveness repertoire. It is concluded that this reduction can be explained by the most adequate perception of the behavior itself. It is noteworthy that perhaps the generalization of assertive behaviors could have occurred with a greater number of sessions in which one had the opportunity to train other classes of behaviors.

Keywords: Social skills training; Functional analysis; Behavior

[1] Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA. Residente em psicologia pelo Programa de Residência Multiprofissional da Secretaria Estadual de Saúde de Goiás – SES-GO. E-mail: danilo.pereira.l@hotmail.com

[2] Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestra em Psicologia Experimental pela Universidade de Brasília (UnB). Professora na graduação do curso de psicologia do Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA. E-mail: mvcarvalho20@hotmail.com

Na perspectiva behaviorista, o comportamento pode ser entendido como "a variável dependente da psicologia, o objeto a ser entendido/explicado" (Todorov, 2012). Como afirmado por Todorov e Henriques (2013), a psicologia, na ótica da análise do comportamento, é entendida como o estudo das interações entre os organismos e o ambiente, predominantemente organismos humanos. Ainda segundo estes autores, o comportamento enquanto unidade, se configura como a ação componente das interações dos organismos examinados. Segundo Matos (1999a), o comportamento pode ser definido como um componente importante do funcionamento geral do indivíduo, que implica uma relação com o ambiente em que ocorre, e só tem sua conceitualização completa quando atinge seu fim.

Em decorrência desta conceituação do comportamento, Matos (1999b) define também, o que é entendido como ambiente para um psicólogo behaviorista, sendo este um "conjunto de condições ou circunstâncias que afetam o comportar- se, não importando se estas condições estão dentro ou fora da pele" (Smith, 1983 citado em Matos, 1999a). Desta forma, eventos internos tais como as emoções, passaram a ser tomadas pelos comportamentalistas como uma condição corporal, definição já antecipada por William James (citado por Skinner, 1991), cujas verbalizações que as nomeiam são aprendidas e mantidas pela comunidade de falantes. Como explicitado por Thomaz (2012), os comportamentos tidos emocionais que só podem ser adequadamente entendidos quando em uma relação contingencial, entre comportamentos que são eliciados a partir de uma interação encadeada entre o meio externo e interno.

Corroborando com esta perspectiva, Todorov (2007) aponta que as interações entre os organismos e o ambiente podem se dar em níveis externos (físico e social) e internos (biológico e histórico). Segundo Skinner (1991), o ambiente atua de duas formas: como consequência em comportamento operante ou como disposição de modo a evocar/eliciar um comportamento, em comportamento operante ou respondente. Diante destas disposições, far-se-á necessária a utilização de uma ferramenta que seja capaz de analisar adequadamente situações de interação entre o organismo e seu ambiente, segundo Todorov (2007), esta ferramenta denomina-se: análise funcional.

A análise funcional pode ser entendida, enquanto recurso explicativo, como "uma 'explicação' de um evento pela descrição de suas relações com outros eventos", segundo Matos (1999b). Complementa a autora que toda análise funcional busca, em última instância, identificar o valor de sobrevivência de um determinado comportamento. Esta autora ressalta ainda que, nesta perspectiva funcional, a noção de causa é então substituída pela de função e, portanto, não se fala em uma causa única, mas sim em um conjunto de variáveis.

Leonardi, Borges e Cassas (2012) preconizam, amparado nestes conceitos, uma definição operacionalizada de avaliação funcional, entendendo-a como a identificação de relações de dependência entre os comportamentos, o contexto em que estes ocorrem, os eventos consequentes a sua emissão e as operações estabelecedoras existentes – eventos ambientais que provoquem mudanças na efetividade das consequências ou na frequência de determinados comportamentos, conforme Aureliano e Borges (2012). Esta evolução na aplicação dos pressupostos behavioristas à prática clínica, fez surgir inúmeras técnicas e campos de intervenção utilizáveis pelos psicólogos de várias abordagens da psicologia, pelas facilidades práticas de suas aplicações, como apontado por Guilhardi (1987). Dentre estes campos formados, destaca-se a área de investigação, teórica e empírica, do treinamento em habilidades

sociais, conforme assinalado por Del Prette e Del Prette (2001).

Segundo Caballo (1999), o campo das habilidades sociais enfrentou problemas conceituais, não havendo ainda hoje um consenso sobre o que seria um comportamento socialmente habilidoso. Uma das definições adotadas é a que considera o comportamento socialmente habilidoso aquele que é emitido em determinado contexto, de forma que expresse sentimentos, atitudes, desejos, opiniões, de modo adequado a situação, considerando os demais, reduzindo a chance de que problemas futuros ocorram e resolvendo os imediatos, conforme conceituado por Caballo, 1986, (citado em Caballo, 2003).

Del Prette e Del Prette (2005) destaca que a competência social pode ser considerada um indicador do ajustamento psicossocial enquanto o repertório empobrecido pode acarretar problemas psicológicos. Segundo Del Prette e Del Prette (2002), o sucesso nas relações interpessoais é importante para o desenvolvimento, a realização pessoal e a qualidade de vida dos seres humanos. Por outro lado, a falha no estabelecimento desses vínculos e relacionamentos pode acarretar desde sentimentos de insegurança, rejeição, insatisfação com a autoimagem e solidão, até problemas mais graves, como transtornos psiquiátricos.

No desenvolvimento do campo das habilidades sociais, de acordo com Caballo (1999), os comportamentos socialmente habilidosos e não-habilidosos foram classificados em classes de respostas. Produto destas classificações, alguns termos identificadores surgiram para embasar as avaliações feitas sobre os comportamentos de interação social. No decorrer do processo de evolução da teoria, foram formados, fundamentalmente, três "estilos" comportamentais importantes, quais sejam os "estilos" assertivo, não-assertivo e agressivo. Estes estilos surgiram com o objetivo de facilitar a identificação de comportamentos socialmente competentes, de acordo com Del Prette e Del Prette (2005).

Os estilos comportamentais citados acima congregam características específicas em nível molar – habilidades gerais - e molecular – componentes específicos de uma resposta -, de acordo com Caballo (2003). O estilo comportamental que, segundo Del Prette e Del Prette (2005), contribuem para a competência social e representam uma coerência entre os comportamentos públicos e encobertos, adequação as demandas e consequências obtidas, é a reação habilidosa, um equivalente ao comportamento assertivo. A fim de propiciar a aquisição de novos comportamentos ao repertório do cliente, Caballo (1999) propõe a existência de quatro elementos estruturantes fundamentais no treino de habilidades sociais: 1- Treinamento em habilidades; 2- Redução de ansiedade; 3- Reestruturação cognitiva; 4- Treinamento em solução de problemas.

Ainda segundo Caballo (1999), estes elementos estruturantes do treinamento em habilidades sociais podem ser explicadas da seguinte forma: 1- Treino de comportamentos específicos ao cliente, de modo que estes sejam integrados em seu repertório, por meio de técnicas comportamentais de aprendizagem; 2- Realizada por meio de técnicas de relaxamento e treino de comportamentos concorrentes aos comportamentos ansiogênicos; 3- Realizada por meio da aquisição de novos comportamentos que, a longo prazo, produzem alterações nas crenças e valores do indivíduo; 4- Consiste em treinar o sujeito em perceber determinadas situações de vários ângulos relevantes de modo que se consiga atingir de forma eficaz os objetivos da interação social específica.

O treinamento em habilidades sociais possui procedimentos norteadores de prática Caballo (1999), que incluem a identificação do comportamento-problema, ou seja, aquele comportamento ou classe de comportamentos com os quais o indivíduo

apresenta alguma dificuldade; identificar a função destes comportamentos-problema e impedimentos envolvidos na variação destes comportamentos; informar ao cliente os objetivos esperados dos procedimentos; manejo dos aspectos motivadores relacionados aos treinos comportamentais, de forma que o indivíduo nutra uma atitude positiva com relação ao treino; uma vez começado o programa de treinamento, pode ser importante o ensino de técnicas de relaxamento; consolidação da ideia de que todos possuem direitos básicos, inclusive o próprio indivíduo; ensinar ao cliente a distinguir entre os estilos de comportamento; realização da reestruturação cognitiva; e por último a realização do ensaio comportamental.

De acordo com Caballo (2003), as intervenções no treinamento de habilidades sociais têm aplicação ampla podendo ser utilizada em transtornos específicos (clínico) e em contextos não patológicos (não clínico). Por exemplo, em contexto clínico foi estudado habilidades sociais em grupos de pessoas com depressão (Fernandes, Falcone & Sardinha, 2012) e grupo de pessoas com fobia social (Rocha, Bolsoni-Silva & Verdu, 2012) e em contexto não clínico em grupo de estudantes universitários (Gomes & Soares, 2013) e grupo de policiais militares (Couto, Vandenberghe & Brito, 2012).

A intervenção no treinamento em habilidades sociais também pode ser realizada de forma individual em contexto clínico, como por exemplo, em pessoa com depressão (Donadon, Correia, Nunes & Nicoletti, 2016) e não clínico em professor (Lessa, Felício & Almeida, 2017), dentre outras populações. Este trabalho teve como objetivo realizar e avaliar um treinamento de habilidades sociais no formato individual e em contexto clínico.

Método

Participante

O cliente A., do sexo masculino, 41 anos, fotógrafo e funcionário de um supermercado, trouxe à clínica demandas relacionadas à problemas com autocontrole, déficits na interação social, principalmente no contexto do trânsito e do trabalho, e episódios de ansiedade. Durante o processo de treinamento, o cliente mudou-se de emprego, antes de fotógrafo, para trabalhar como funcionário em um supermercado e, eventualmente, em regime de *freelance*, como fotógrafo no antigo estabelecimento em que desempenhava esta função.

Os atendimentos foram realizados no Núcleo de Estudo, Pesquisa e Prática Psicológica – NEP, do Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA, no consultório três.

Instrumentos e Materiais

Para os atendimentos foram utilizadas uma poltrona, uma cadeira, um espelho e um notebook para que o psicoterapeuta pudesse fazer anotações pertinentes. Na primeira sessão, foi ao cliente o contrato terapêutico cuja adesão era condição para a continuação dos atendimentos, ao que foi feito por meio de assinatura, com uma via de posse do terapeuta e outra em posse do cliente.

Como instrumento de medida para a sondagem do repertório comportamental em habilidades sociais utilizou-se o Inventário Assertivo, adaptado por Fernanda Silva Brandão e Priscila Derdyk (2007), retirado do livro de Albert, R e Emmons, M. (1978). Utilizou-se também o texto “Comportamento Assertivo, Inassertivo e Agressivo” traduzido por Hélio José Guilhardi e Patrícia Queiroz, a Tabela 6.1 (p.189) “Amostra de Direitos Humanos Básicos” e o quadro 6.3 (p. 227) “Três Estilos de Resposta” retirados do livro “Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais” de Vicente E. Caballo (2003) e a figura 18.1 (p.373) “O que é treinamento assertivo? ” retirada do livro “Manual de Técnicas de Terapia e

Modificação do Comportamento" de Vicente E. Caballo (1999).

O Inventário Assertivo é composto por 35 questões que são utilizadas para avaliar as habilidades sociais do indivíduo e, para isto, é solicitado ao sujeito marcar com um X a opção que mais se encaixar com seu padrão de comportamento. Diante das questões propostas em cada enunciado, o sujeito deve marcar SIM quando sempre fizer, ou na maioria das vezes; marcar ÀS VEZES quando ficar em dúvida ou quando achar que está na média (entre o Sim e o Não); marcar NÃO quando for algo que raramente ou nunca faz. Cada opção SIM pode ter o valor +1 ou -1, a opção ÀS VEZES sempre tem valor igual a zero e a opção NÃO pode ter o valor +1 ou -1. O valor +1 é atribuído a comportamentos socialmente hábeis e o valor -1 a comportamentos não hábeis. O Inventário Assertivo é quantificado em uma escala de -35 à +35, se a soma dos pontos for positiva o indivíduo tende a demonstrar comportamentos mais assertivo e quanto mais distante o valor positivo estiver de "zero", maior a assertividade. Por outro lado, se a soma dos pontos for negativa o indivíduo tende a demonstrar comportamentos de pouca assertividade (passividade ou agressividade) e quanto mais distante estiver do valor "zero", menor a assertividade. Se o resultado der "zero" significa que o comportamento está dentro da média.

Procedimentos

O presente artigo foi produzido a partir de quinze sessões de atendimentos de treinamento em habilidades sociais prestados durante o ano de dois mil e dezoito. O cliente A. foi encaminhado para o atendimento através da secretária da clínica escola que realizou os primeiros contatos telefônicos e procedeu com o agendamento do dia e horário, de acordo com as disponibilidades do estagiário e do cliente. Os agendamentos posteriores foram todos feitos pelo estagiário responsável pelos atendimentos.

Ressalta-se que em 2017, no primeiro semestre, o cliente passou por uma avaliação de psicodiagnóstico que não pôde ser concluída em razão das demandas emergentes durante o processo. No segundo semestre do mesmo ano, o cliente foi encaminhado e submetido a atendimento psicoterápico e em função dos vínculos dos estagiários com a clínica, o cliente entrou em lista de espera. No ano de 2018, o cliente foi encaminhado para ter a continuidade dos atendimentos pelo estagiário responsável pelo presente artigo.

Após a análise do prontuário e do primeiro atendimento de 2018, a intervenção foi baseada nos procedimentos próprios do treino em habilidades sociais, uma vez que a demanda trazida pelo cliente se referia aos seus déficits no repertório comportamental para se expressar habilmente, de modo alternativo à um padrão de comportamento agressivo instalado. O treino em habilidades sociais é composto de algumas etapas que devem ser adequadamente selecionadas e aplicadas de acordo com as demandas de cada cliente. Em todas as etapas, relações funcionais foram avaliadas com o cliente. O treinamento em habilidades sociais foi não sistematizado e composto de quinze sessões, semanais com duração de cinquenta minutos aproximadamente. Os atendimentos e seus respectivos temas estão relacionados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Apresentação das sessões e seus respectivos temas

Sessões	Temas
Sessão 1	Compreender a demanda, apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e do contrato terapêutico.
Sessão 2	Compreender a demanda.
Sessão 3	Compreender a demanda e aplicar o Inventário Assertivo.
Sessão 4	Identificar as diferenças entre reações agressivas, passivas e assertivas. Admitir erros. (Tarefa de casa: texto "Comportamento Assertivo, Inassertivo e Agressivo" de Hélio Guilhardi e Patrícia Queiroz)
Sessão 5	Identificar as diferenças entre reações agressivas, passivas e assertivas. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento)
Sessão 6	Identificar as diferenças entre reações agressivas, passivas e assertivas. Fazer e recusar pedidos. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento)
Sessão 7	Fazer e recusar pedidos. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento)
Sessão 8	Fazer e recusar pedidos, e expressar incômodo justificado. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento)
Sessão 9	Dar e receber feedback.
Sessão 10	Fazer e recusar pedidos, e expressar incômodo justificado.
Sessão 11	Fazer e recusar pedidos, e treinar autocontrole. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento, e elaborar lista de qualidades e defeitos próprios)
Sessão 12	Pedir mudança de conduta no outro. Solução de problemas interpessoais. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento; foi entregue os textos "Três Estilos de Resposta", "Amostra de Direitos Humanos Básicos" e "O que é treinamento assertivo?")
Sessão 13	Pedir mudança de conduta no outro e expressar incômodo e desagrado. Admitir erros. (Tarefa de casa: emitir comportamentos de cumprimento e agradecimento)
Sessão 14	Fazer e recusar pedidos, e expressar incômodo justificado. Defender os próprios direitos.
Sessão 15	Expressar opiniões pessoais, auto controle e expressar incômodo. Reaplicação do Inventário Assertivo.

Fonte: Própria (2018)

Nas duas primeiras sessões, a coleta de dados sobre a história de vida do cliente, dados sobre sua demanda e sondagem do repertório comportamental do cliente foi realizada por meio de escuta ativa com questionamentos. Na terceira sessão foi realizada a coleta de dados e utilizado o Inventário Assertivo adaptado por Brandão e Derdyk (2007). Os conceitos básicos da análise funcional e das habilidades sociais foram transmitidos em linguagem adequada ao nível de compreensão do cliente, posteriormente a compreensão destes conceitos, a sua aplicação prática foi verificada. Complementarmente, foi entregue ao cliente textos sobre as

classificações dos padrões de comportamento agressivo, passivo e assertivo. Na quarta sessão, como tarefa de casa, foi pedido ao cliente que realizasse exercícios em habilidades sociais, contidos no texto "Comportamento Assertivo, Inassertivo e Agressivo" traduzido por Hélio Guilhardi e Patrícia Queiroz (não publicado). As tarefas de casa pedidas durantes as sessões foram verificadas na sessão seguinte.

Nas sessões cinco, seis, sete e oito o cliente foi instruído à prática, em ambiente natural, de pequenos comportamentos assertivos, com atenção aos componentes paralinguísticos da interação, ajudado por um espelho. Atividades de ensaio comportamental, com representação de papéis pelo terapeuta e pelo cliente, foram realizadas a partir da quinta sessão. Os ensaios comportamentais foram baseados em situações representadas em situações cotidianas trazidas pelo cliente e retiradas do texto traduzido por Hélio Guilhardi e Patrícia Queiroz a partir dos padrões de comportamento agressivo, passivo e assertivo. Durante o ensaio comportamental foi utilizado a técnica do *Feedback*, do reforçamento, modelação e, posteriormente foi pedido ao cliente, como tarefa de casa, que emitisse alguns dos comportamentos, representados dentro do consultório, no ambiente natural. Na sessão nove foi pedido ao cliente que desse feedback com relação aos atendimentos e os procedimentos psicoterapêuticos. A sessão nove, marcou a última sessão antes do recesso de um mês (férias letivas) da clínica escola da faculdade.

Os atendimentos foram retomados normalmente a partir da sessão dez, quando foram retomadas as atividades de ensaio comportamental em consultório e as tarefas de casa. Na décima primeira sessão, foi pedido ao cliente, como tarefa de casa, que elaborasse uma lista de qualidades e defeitos que considerasse possuir para trabalhar a autopercepção. Na sessão décima segunda sessão, foi entregue ao cliente, impresso em folha de papel A4, o quadro 6.3 "Três Estilos de Resposta", a Tabela 6.1 "Amostra de Direitos Humanos Básicos", e a figura 18.1 "O que é treinamento assertivo? ". Os textos entregues foram trabalhados relacionando-os com as demandas trazidas pelo cliente durante as sessões. Na sessão treze e quatorze, foram realizados ensaios comportamentais em consultório. Na sessão quatorze foi treinado, em especial, o respeito a direitos humanos básicos. Na sessão quinze foi reaplicado o Inventário Assertivo adaptado por Brandão e Derdyk (2007) e discutido com o cliente suas respostas no teste. Salienta-se que o treinamento de habilidades sociais se estendeu até o fim do semestre letivo, porém, para que fosse cumprida as datas estabelecidas para o término do Trabalho de Conclusão do Curso, foram consideradas somente estas sessões (quinze sessões realizadas, três faltas do cliente e três recessos por feriado).

Resultados

A partir dos dados coletados durante o processo de treinamento por meio de entrevista com o cliente, pôde-se observar a presença de um padrão de comportamento de tipo agressivo generalizado para contextos cotidianos. As principais queixas do cliente advinham de conflitos interpessoais no contexto do trânsito e do trabalho. Na área do trabalho a maior parte das tarefas de casa se concentrou na categoria de comportamentos de cumprimento e agradecimento, nos quais o cliente apresentou muita dificuldade. Os comportamentos de agradecer e cumprimentar se mostraram viáveis, pelo cliente, para execução fora do consultório e foram generalizados para diversos contextos.

Os resultados percebidos a partir do relato do cliente, foram agrupados em tabelas, com duas colunas. A coluna da esquerda mostrando as verbalizações que indicaram as queixas norteadoras das intervenções, e, na coluna à direita, as

verbalizações que podem indicar as melhoras sobre as queixas relatadas. As tabelas foram acompanhadas de descrições operantes do comportamento relatado, bem como as oscilações de sua ocorrência segundo o relato do cliente durante o processo de treinamento.

Na Tabela 1, encontra-se as verbalizações, extraídas das transcrições dos atendimentos, que indicam a presença de comportamentos pouco adaptativos e, posteriormente, possível estabelecimento de padrão de comportamento assertivo, no contexto de trânsito:

Tabela 1

Verbalizações do cliente que indicam comportamentos agressivos e possíveis melhoras, no contexto de trânsito.

Verbalizações de Comportamentos Agressivos	**Verbalizações que Indicam Possível Melhora Comportamental**
Eu gosto de pedalar, o motorista não respeita, você anda no trânsito aí sabe como é, a ansiedade às vezes vem fico nervoso, tirei satisfação com um sujeito essa semana.	*Fui lá falar com ele, mas falei com educação porque eu acredito que tem que matar a pessoa com educação, disse que ele quase tinha me atropelado, ele pediu desculpas, o bom foi isso, o bonito do ser humano é errar e pedir desculpa.*
Teve uma situação que eu gritei com um motorista, aí ele falou que ia puxar uma arma, eu falei "seu marica, não adianta arma não, arma não vai resolver nada não", aí ele entrou no carro e foi embora, mas eu tinha razão, eu sei quando eu tenho razão, se eu não tenho, eu não falo nada	*Eu não tive mais desavenças no trânsito, eu tô mais tranquilo, eu tô tentando evitar que aconteça alguma coisa errada, tô andando na calçada, evitando de entrar em confusão. Muitas vezes a pessoa buzina, e eu faço assim (faz sinal positivo com a mão), sorrio, tô levando na esportiva.*

A partir do relato do cliente, exposto na Tabela 1, é possível perceber diferença na forma de lidar com situações relativas ao trânsito. Os comportamentos de tipo Agressivo (tirar satisfação) no contexto do trânsito diminuíram, em favor de um padrão de comportamento mais próximo ao assertivo (falar com ele com educação), apesar de ainda estarem presentes manifestações de agressividade (a gente tem que matar a pessoa). A agressividade também pode ser vista quando afirma que gritou, xingou e só percebe a sua razão. As verbalizações posteriores que indicam melhora estavam associadas a comportamentos de evitação do conflito, autocontrole e melhoras do ponto de vista molar e, do ponto de vista molecular, como "sorrir" e "acenar positivamente com a mão". Seguindo-se as orientações trazidas pela literatura para redução de ansiedade (Caballo, 2003/1999), foram utilizadas técnicas de relaxamento e, paralelamente, foi inserido o modelo de explicação do comportamento por contingências – a retomada deste modelo ocorreu durante todo o processo psicoterapêutico – trazendo questionamentos sobre a relação de causa e efeito entre a ansiedade e os comportamentos agressivos, manifesta como crença nas verbalizações do cliente. Destaca-se que no decorrer do processo de treinamento houve expressiva redução na presença de verbalizações de queixa relacionadas ao trânsito.

Na Tabela 2, observa-se as verbalizações, extraídas das transcrições dos atendimentos, que indicam a presença de comportamentos pouco adaptativos e,

posteriormente, possível estabelecimento de comportamentos mais assertivo, no contexto de seu trabalho como fotógrafo:

Tabela 2
Verbalizações do cliente que indicam comportamentos agressivos e possíveis melhoras, no contexto de trabalho como fotógrafo.

Verbalizações de Comportamentos Agressivos	**Verbalizações que Indicam Possível Melhora Comportamental**
Essa semana tive um desentendimento feio no trabalho, eu disse pra mulher lá que o horário do pagamento era um e ele disse que não era, ficou teimando, depois ela viu que não era, e eu fiquei parecendo mentiroso. Eu me sinto como se fosse mentiroso, já tinha avisado o horário, e ela falou de um jeito que era arrogante, eu não vou mentir também não, eu agi meio agressivo, o meu amigo foi lá e disse pra pararmos de fazer isso.	*Ontem eu estava em uma festa de aniversário, eu procurei sorrir, fiz brincadeira, o pessoal lá da festa disse 'que fotógrafo legal', elogiou a gente, mas é difícil viu. (...) Eu procurei sorrir mais, fazer brincadeira, não briguei com a minha colega de trabalho, como já aconteceu outras vezes.*

O relato do cliente, exposto na Tabela 2, aponta uma mudança na ocorrência de comportamentos de tipo Agressivo no contexto do trabalho, em favor de um padrão de comportamento mais próximo ao assertivo. As verbalizações acima indicam, primeiramente, um tipo de comportamento agressivo, e posteriormente um tipo de comportamento mais assertivo, que inclui, do ponto de vista molecular, "sorrir" e "fazer brincadeira", e a evitação de conflitos com sua colega de trabalho. As verbalizações de queixa relacionadas ao trabalho do cliente como fotógrafo diminuíram ao longo do processo de treinamento, principalmente após o cliente ter ido trabalhar em outro local, e este emprego passado a ser secundário. Ressalta-se que, na primeira verbalização, o cliente relatou ter entrado em contato com as consequências típicas do padrão de comportamento Agressivo como demonstrado no trecho "o meu amigo foi lá e disse para paramos de fazer isto" (sic), e na verbalização posterior, o cliente relatou ter entrado em contato com as consequências típicas de um padrão de comportamento Assertivo como no trecho "o pessoal lá da festa disse 'que fotógrafo legal', elogiou a gente" (sic).

Na Tabela 3, encontra-se as verbalizações, extraídas das transcrições dos atendimentos, que indicam a presença de comportamentos pouco adaptativos e, posteriormente, possível estabelecimento de padrão de comportamento mais assertivo, no contexto de seu trabalho como funcionário de um supermercado:

Tabela 3
Verbalizações do cliente que indicam comportamentos agressivos e possíveis melhoras, no contexto de trabalho como funcionário de um supermercado.

Verbalizações de Comportamentos Agressivos	**Verbalizações que Indicam Possível Melhora Comportamental**

Eu estava sentado na mesa, ele (encarregado) chegou e tirou uma foto. Eu fico nervoso só de lembrar. [...] Nervoso. Eu fui grosso com ele, simplesmente, ele ficou lá do meu lado. Disse que ia postar no grupo, ah pelo amor de Deus.	*[...] o rapaz disse que eles (diretores) podiam parar no estacionamento lá de trás, mas eu esqueci, eu posso ter errado, ele (encarregado) já veio e brigou comigo, eu falei que poderia ter sido nervoso com você.*

O relato do cliente, exposto na Tabela 3, aponta uma mudança na expressão de ocorrência de comportamentos de tipo Agressivo no contexto do trabalho como funcionário em supermercado, em favor de um padrão de comportamento mais próximo ao assertivo, no entanto ainda agressivo. As verbalizações acima indicam, inicialmente, um tipo de comportamento agressivo, expresso de forma molar como "fui grosso com ele" (sic) e "eu fico nervoso só de lembrar", posteriormente, o cliente relatou um tipo de comportamento, também agressivo, no entanto com mostras de maior autocontrole, como demonstrado pela verbalização "eu poderia ter sido nervoso com você" (sic).

Na Tabela 4 encontra-se as verbalizações, extraídas das transcrições dos atendimentos, que indicam um processo de reestruturação cognitiva de um modelo de crenças disfuncionais para um modelo de crenças mais funcional:

Tabela 4
Verbalizações do cliente que indicam crenças disfuncionais e crenças mais funcionais.

Crenças Disfuncionais	**Crenças mais Funcionais**
Eu fico com medo de uma hora pra outra surtar e bater em alguém.	*Nesse mundo de hoje, se você tá dentro do ônibus você põe um fone de ouvido pra escutar sua música, eu tô aprendendo a respeitar o próximo, você sorri pra pessoa mesmo que a pessoa não sorria.*
Tem mulher que gosta de cara vagabundo, se tem um carro com som tem uma mulher bonita, mas se você tiver um carro de luxo, a mulher que estiver do seu lado vai ser mais bonita.	*Eu tô aprendendo que muita coisa é minha culpa e não depende de coisas materiais, às vezes aquela mulher bonita, trata com educação, às vezes nem é bonito né?*

As verbalizações do cliente, expostas na Tabela 4, apontam uma mudança no sistema de crenças do cliente. A primeira verbalização de crenças disfuncionais indica uma crença de desconfiança sobre sua própria capacidade de autocontrole diante de situações de conflito interpessoal. Posteriormente, na primeira verbalização de possível melhora perceber-se mudança na crença sobre sua própria capacidade de lidar com as outras pessoas, com o reconhecimento de sua mudança, aproximando-se de crenças que favorecem um comportamento de tipo empático. Na segunda verbalização de queixa, percebe-se um sistema de crenças baseado em estereótipos e relações ancoradas em trocas materiais e pouca habilidade em perceber a relação de mútua influência na maneira como as pessoas se comportam. Na segunda verbalização de possível melhora, percebe-se o afastamento das crenças presentes na primeira verbalização e um aumento na habilidade em perceber a relação de mútua

influência no comportamento entre pessoas. Apesar destes indicativos de reestruturação cognitiva, o cliente relatou situações cotidianas em que emitiu comportamentos de tipo agressivo, sem perceber adequadamente as consequências da emissão destes comportamentos e, pautando-se, em leituras estereotipadas das situações.

Os resultados da primeira aplicação do Inventário Assertivo indicaram a presença de um repertório comportamental assertivo reduzido, assinalando uma pontuação de cinco pontos positivos (+5). Porém, na reaplicação do Inventário Assertivo, a pontuação obtida no inventário foi de três pontos positivos (+3), indicando uma redução do repertório geral de assertividade do indivíduo.

Discussão

No processo de treinamento as melhoras alcançadas no repertório comportamental do cliente A., relacionadas às habilidades sociais, podem ser explicadas a partir das quatro fases do treinamento em habilidades sociais, relatadas por Caballo (2003). O autor salienta que a primeira fase do treinamento em habilidades sociais trata do estabelecimento de crenças que respeitem o próprio direito do indivíduo bem como o direito dos demais. Durante todo o processo de treinamento mudanças nas crenças do cliente foram promovidas e, até o limite das sessões consideradas neste trabalho, algumas crenças disfuncionais permaneceram, tais como a crença na relação de causa e efeito entre ansiedade e agressividade e a consideração de elementos de sua trajetória de vida pessoal como justificativa adequada para a emissão de comportamentos agressivos o que pode ser verificado na Tabela 4.

De acordo com Caballo (2003) a segunda fase do treinamento em habilidades sociais consiste em prover condições para que o cliente consiga distinguir, em seu repertório e no de outras pessoas, comportamentos assertivos, passivos e agressivos. Durante o processo de treinamento, as distinções comportamentais vezes, e permitiram com que o cliente conseguisse distinguir satisfatoriamente os três estilos comportamentais, em exemplos cotidianos e trazidos nos textos apresentados. A distinção adequada destes tipos de comportamento favorece a aprendizagem de comportamentos de tipo assertivo, como apontado pela teoria Caballo (2003/1999), no entanto, não foram suficientes para que o cliente executasse comportamentos assertivos. Distinguir (saber) comportamento assertivo dos demais não implica em executá-lo (fazer), ou seja, nem sempre há correspondência entre o saber e o fazer (Simonassi, Pinto & Tizo, 2012; Simonassi, 2001).

A terceira fase do treinamento em habilidades sociais refere-se à reestruturação cognitiva. Esta fase, assim como apontado por Caballo (2003), foi construída a partir dos ensaios comportamentais que, ao ampliar o repertório comportamental do indivíduo, cria condição para que a reestruturação cognitiva ocorra. Estas mudanças ocorrem a longo prazo, como apontado por Caballo (2003), e, por esta característica, a reestruturação cognitiva do cliente foi pouco expressiva em situações concretas. Apesar do cliente conseguir relatar, durante as sessões, sobre seus direitos e os dos outros de modo adequado, a reestruturação cognitiva diante dos casos concretos foi pouco expressiva, uma vez que situações de emissão de comportamentos agressivos, ainda que atenuados, continuaram a ocorrer, e os pensamentos e crenças mencionados nestas situações, por vezes, não se compatibilizavam aos modelos de crença relatados em sessão. E mais uma vez percebe-se a não correspondência entre o saber e o fazer (Simonassi, Pinto & Tizo, 2012; Simonassi, 2001).

A quarta fase do treinamento em habilidades sociais trata do ensaio comportamental. Os ensaios comportamentais começaram a ser realizados a fim de identificar situações em que os déficits eram mais acentuados, e se mantiveram na maior parte das sessões até o fim dos atendimentos. Os ensaios comportamentais identificaram déficits comportamentais em fazer pedidos, autocontrole e expressar desagrado, principalmente. Os déficits comportamentais encontrados no repertório do cliente foram acentuados, apresentando dificuldade ou mesmo não conseguindo comportar-se de maneira assertiva. Nestes casos, o terapeuta serviu como modelo para fornecer uma alternativa assertiva de responder às situações propostas.

Esta forma de aprendizagem, por modelação, é um procedimento eficaz para adquirir comportamentos, quando estes são melhor entendidos por meio da prática, Caballo (1999/ 2003). Os resultados apontados, pela literatura, por este procedimento para ampliação de repertório comportamental são positivos (Nicolino & Malerbi, 2011; Coelho & Murta, 2007; Del Prette, 2012). Neste estudo, sua eficácia pôde ser observada principalmente nos comportamentos paralinguísticos que foram melhor adquiridos, já o conteúdo das falas e o autocontrole, foram obtidos em menor grau, sendo associado a estas categorias instruções verbais e treina de técnicas de relaxamento.

Destaca-se que a queixa de ansiedade trazida pelo cliente, em muitos momentos foi tomada como causa dos comportamentos de tipo agressivo. Após ser abordado o modelo de explicação do comportamento por contingências, o cliente apresentou compreensão razoável sobre este modelo, no entanto, até a última sessão considerada neste estudo, as crenças que associavam uma relação causal entre ansiedade e comportamentos agressivos apareceram nas verbalizações do cliente.

O presente treinamento em habilidades sociais poderia ter sua eficácia favorecida pela generalização, elemento importante apontado pela literatura (Caballo, 1999/2003; Pereira-Guizzo, Del Prette & Del Prette, 2012) para a consolidação de repertório comportamental assertivo. Segundo Caballo (2003), existem cinco formas de generalização: 1 – Generalização com relação ao tempo: trata-se da manutenção de comportamentos por um período de tempo após ter sido aprendido; 2 – Generalização com relação ao contexto físico: refere-se a presença de comportamentos ensaiados sob condições ambientais diferentes das originalmente treinadas; 3 – Generalização com relação a situações interpessoais: trata-se de empregar as habilidades sociais aprendidas para situações interpessoais diferentes das que foram ensaiadas; 4 – Generalização em relação a resposta: desenvolvimento de habilidades não ensaiadas, dentro da mesma classe de resposta, das habilidade aprendidas em processo psicoterapêutico; 5 – Generalização em relação às pessoas: apresentação de comportamentos ensaiados diante de pessoas que não estiveram envolvidas no ensaio.

- Durante o procedimento de treinamento, a generalização, principalmente, com relação ao contexto físico e às situações interpessoais, não foi atingida. A generalização, no presente caso, foi avaliada a partir dos relatos do cliente que, como mostrado nas Tabelas 1, 2 e 3, apresentou indícios de melhora estritamente aos contextos ensaiados. Durante os atendimentos, utilizou-se elementos apontados por Caballo (2003, citando Scott, Himadi & Keane, 1983) que aumentam a probabilidade de generalização. Destacam-se, dentre eles, três elementos utilizados: o emprego de situações relevantes para o cliente para que o ensaio ocorra; treinamento

com pessoas significativas que possam fornecer reforço; e treinamento para discriminação de sinais sociais adequados.

As atividades, descritas acima, foram satisfatoriamente treinadas em contexto clínico e, em algumas situações, o cliente experimentou, como pode ser observado na Tabela 2, consequências positivas ao agir de forma assertiva, o que foi ressaltado durante a sessão. As tarefas de casa foram executadas, em algumas ocasiões com atraso e certa resistência pelo cliente, o que pode indicar caráter pouco reforçador da exposição gerada pelas tarefas de casa e reações aversivas a contatos interpessoais em situações de conflito, ensaiadas durante as sessões. A resistência em executar as atividades pode ter decorrido, também, da presença de crenças disfuncionais (Cameschi & Simonassi, 2005; Caballo, 1999/2003).

As crenças disfuncionais são especialmente importantes em contexto de treinamento em habilidades sociais, uma vez que na perspectiva analítico comportamental, conforme apontado por Cameschi e Simonassi (2005), as crenças podem ser entendidas como regras – estímulos discriminativos verbais que descrevem contingências, segundo Matos (2001) – e, portanto, podem ter a função de criar contexto para a ocorrência ou não de determinado comportamento (estímulo discriminativo) e a função de evocar comportamentos (operação estabelecedora). Desta forma, as crenças disfuncionais trazidas pelo cliente evocavam e criavam condição para a ocorrência de comportamentos pouco adaptativos, uma vez que tratavam de descrições de contingências pouco adequadas aos contextos em que este se encontrava inserido.

Segundo Matos (2001), as regras possuem duas características marcantes: instruem comportamentos menos sensíveis ao procedimento de modelagem e podem manter comportamentos anteriormente modelados por contingências naturais. Estas duas característica foram consideradas no processo de treinamento em habilidades sociais, por meio da adoção de procedimentos cognitivos como questionamentos e a utilização de material textual - a fim de permitir a adoção de regras mais adaptadas para o cliente e trabalhar os comportamentos menos sensíveis ao procedimento de modelagem, e utilizou-se de modelagem e modelação, por meio de ensaios comportamentais e tarefas de casa de exposição ao ambiente, para que o próprio sujeito pudesse formular novas regras, além de reformular as antigas, a partir do contato com reforçadores sociais importantes advindos do estilo de comportamento assertivo.

É importante salientar que, segundo Caballo (1999/2003), a generalização das habilidades sociais treinadas nas sessões é um processo gradual e pode ser favorecido por tarefas de casa que aumentem gradualmente de complexidade, para melhor execução por parte do cliente. Depreende-se, portanto, que a generalização de comportamentos ensaiados poderia ter sido mais eficaz se contasse com um número maior de sessões de treinamento em que se pudesse ensaiar várias classes de comportamentos, em fases de gradação, em níveis molares e moleculares, e estes comportamentos ensaiados fossem reproduzidos em ambiente natural, a fim de expor o cliente as consequências naturais desta forma de se comportar.

Na aplicação do Inventário Assertivo, os dados indicaram uma pontuação geral de assertividade de cinco pontos. Estes resultados indicaram que o cliente possuía um repertório comportamental que tendia aos comportamentos mais assertivos, apesar de tratar-se de um número baixo (+5), se comparado ao número total possível no inventário (+35). Indicar que o sujeito possui um repertório comportamental que tende à assertividade, segundo Caballo (2003), “implica a especificação de três componentes

da habilidade social: uma dimensão comportamental (tipo de habilidade), uma dimensão pessoal (as variáveis cognitivas) e uma dimensão situacional (o contexto ambiental)". Desta forma, os dados apresentados no inventário permitem inferir que o sujeito tenha em seu repertório, apesar de escassamente, habilidades de tipo assertivo, crenças que favoreçam o comportamento assertivo. Quando se confronta os dados obtidos nas entrevistas - exemplificados nas Tabelas 1, 2, 3 e 4 -, percebe-se que os comportamentos assertivos se encontram diminuídos em detrimento de um padrão de comportamento de tipo agressivo.

Os resultados apontados na reaplicação do Inventário Assertivo indicaram uma redução, quantitativa, na tendência do cliente se comportar de forma assertiva. A redução foi de dois pontos em relação a primeira aplicação, passando de cinco pontos para três pontos. Esta diminuição no repertório comportamental do indivíduo, pode ser explicada por hipóteses levantadas em um estudo de Del Prette e Del Prette (2003). O estudo foi realizado com dez universitários em fase final de graduação na área de ciências exatas. Neste estudo, os autores observaram que para a maioria dos sujeitos houve uma redução da dificuldade em emitir os conjuntos das competências avaliadas. No entanto, um dos sujeitos avaliados relatou emitir com maior dificuldade alguns dos conjuntos de competências.

Os autores levantam duas explicações teóricas para este fato. A primeira seria de que a reaplicação do instrumento poderia acentuar a ansiedade atribuída a evocação de situações apresentadas no instrumento, pelo fato do indivíduo estar mais preocupado com a competência social. A segunda se relaciona a uma percepção mais acurada do próprio comportamento desenvolvida pelo treinamento. No entanto, os autores destacam que a metodologia do programa, através de vivências, minimiza a possibilidade de aumento da ansiedade, tornando menos provável a primeira.

Os autores acrescentam que o sujeito que apresentou mais dificuldades para emitir alguns dos conjuntos de competências, após o treinamento, se expôs menos ao treinamento de dificuldades específicas, o que torna a segunda explicação mais pertinente. Para o autor do presente trabalho, que desenvolveu o treinamento, a segunda possibilidade é mais coerente para entender os dados apresentados pois, pode-se inferir que as sessões realizadas não foram suficientes para que o sujeito integrasse adequadamente comportamentos assertivos em seu repertório, apesar de conseguir distinguir, por auto-observação e autopercepção que seu repertório comportamental era de tipo agressivo. Assim, observa-se que a discrepância entre o saber e o fazer (Simonassi, Pinto & Tizo, 2012; Simonassi, 2001) ainda foi mantida.

Considerações Finais

Quanto as etapas práticas de execução do treinamento das habilidades sociais, propostas pela literatura (Caballo, 1999/2003), foram todas trabalhadas durante o processo e ocorreram de forma simultânea, se repetindo em diversos momentos do treinamento respeitando-se as demandas emergentes do cliente (frequentemente queixas relacionadas a ansiedade, comportamentos no trânsito e trabalho).

Neste estudo observou-se que o treinamento em habilidades sociais se mostrou eficiente ao promover mudança parcial no repertório do indivíduo em relação aos comportamentos agressivos emitidos no contexto do trânsito e no trabalho. Não foi possível observar a generalização dos comportamentos assertivos, aprendidos em contexto clínico, nem uma remissão completa dos comportamentos de tipo agressivo. Ainda na última sessão

considerada para a elaboração deste artigo, o cliente trouxe relatos de comportamentos de tipo agressivo, menos acentuados, mas sem a consolidação de um padrão de comportamento assertivo abrangente.

A literatura segundo (Caballo, 1999/2003), aponta que a generalização de habilidades socias se dá de forma gradual e é potencializada por meio de tarefas de casa. A emissão dos comportamentos de cumprimentar e agradecer, solicitadas ao cliente na maior parte das tarefas de casa, foi generalizada com eficácia para diversos contextos, coadunando com a teoria. O déficit comportamental do cliente abrangia várias classes de comportamentos que não foram possíveis de serem abordadas nas tarefas de casa pela dificuldade do cliente em adquirir tais comportamentos e pelas limitações temporais. Depreende-se, portanto, que a generalização de outros comportamentos, no presente caso, poderia ter sido favorecida com um número maior de atendimentos que possibilitassem o treino de mais classes de comportamentos relevantes para o cliente e a execução de um número maior de tarefas de casa, o que exporia o sujeito às consequências sociais positivas de se agir de maneira assertiva.

Referências

Aureliano, L. F. G. & Borges, N. B. (2012). Operações Motivadoras. In Borges, N. B.; Cassas, F, A. e cols. *Clínica Analítico Comportamental: aspectos teóricos e práticos* (p. 32-39). Porto Alegre: Artmed.

Brandão, F. S. & Derdyk, P. R. (2007). Comportamento Assertivo: Um guia para jovens. In Conte, F. C. S. & Brandão, M. Z. S. (Eds.). *Falo ou não falo? Expressando sentimentos e comunicando ideias* (p. 49-60). Londrina: Editora Mecenas Ltda.

Caballo, V. E. (1999). Treinamento em Habilidades Sociais. In Caballo, V. E. *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento* (p. 361-398). São Paulo: Santos.

Caballo, V. E. (2003). *Manual de avaliação e treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Santos.

Cameschi, C. E., & Simonassi, L. E. (2005). Causa e explicação: debate entre o mentalismo e o behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *7*(1), 21- 38. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100005.

Carneiro, R. S., & Falcone, E. M. O. (2004). Um estudo das capacidades e deficiências em habilidades sociais na terceira idade. *Psicologia em Estudo*, *9*(1), 119-126.

Coelho, M. V., & Murta, S. G. (2007). Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *24*(3), 333-341.

Couto, G., Vandenberghe, L., & Brito, E. de A. G. (2012). Interações interpessoais e estresse entre policiais militares: um estudo correlacional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *64*(2), 47-63. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S180952672012000200005&lng=pt&nrm=iso.

Del Prette, A. (2012). Atendimento a uma criança que relatava ver o espírito da avó. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *29*(2), 285-292. Recuperado em 03 de junho de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000200014.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.

Del Prette, A & Del Prette, Z. A. P. (2002). Transtornos psicológicos e habilidades sociais. In Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P., Queiroz, P. P., & Scoz, M. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 10, pp. 377-386). Santo André: Esetec.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2003). No contexto da travessia para o ambiente de trabalho: treinamento de habilidades sociais com universitários. *Estudos de Psicologia*, *8*(3), 413-420.

Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática* (p. 30-40). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Donadon, M. F., Correia, S. K. B., Nunes, C. C. S. A., & Nicoletti, Ê. A. (2016). Habilidades sociais e depressão: um relato de caso. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, *12*(1), 50-56. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872016000100008.

Fernandes, C. S., Falcone, E. M. O., & Sardinha, A. (2012). Deficiências em habilidades sociais na depressão: estudo comparativo. *Psicologia: teoria e prática*, 14(1), 183-196.

Guilhardi, H. J. (1987). A formação do terapeuta comportamental. Que formação? In Lettner, H. W. & Rangé, B. (Orgs.). *Manual de psicoterapia comportamental* (p. 313-320). São Paulo: Manole.

Gomes, G. & Soares, A. B. (2013). Inteligência, Habilidades Sociais e Expectativas Acadêmicas no Desempenho de Estudantes Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *26*(4), 780-789. Recuperado em 03 de junho de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000400019.

Leonardi, J. L., Borges, N. B. & Cassas, F. A. (2012). Avaliação funcional como ferramenta norteadora da prática clínica. In Borges, N. B.; Cassas, F, A. e cols. *Clínica Analítico Comportamental: aspectos teóricos e práticos* (p. 105-109). Porto Alegre: Artmed.

Lessa, T. C. R., Felicio, N. C., & Almeida, M. A. (2017). Práticas Pedagógicas e Habilidades Sociais: Possibilidade de Pesquisa de Intervenção com Professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, *21*(2), 167-174. Recuperado em 03 de junho de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141385572017000200167&script=sci_abstract&tlng=pt.

Matos, M. A. (1999a). Com o que o Behaviorismo Radical trabalha? In Banaco, R. A. (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição* (45-53). Santo André: EseTec.

Matos, M. A. (1999b). Análise funcional do comportamento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *16*(3), 8-18. Recuperado em 03 de junho de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X1999000300002&lng=pt&tlng=pt.

Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *3*(2), 51-66. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452001000200007.

Nicolino, V. F., & Malerbi, F. E. K. (2011). Promoção de interações sociais entre colegas e criança autista em ambiente de inclusão. *Acta Comportamentalia*, *19*(1), 107-123. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script

=sci_arttext&pid=S0188-81452011000100006.

Pereira-Guizzo, C. S., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2012). Evaluation of a professional social skills program for unemployed people with physical disability. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *25*(2), 265-274. Recuperado em 03 de junho de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722012000200008.

Rocha, J. F., Bolsoni-Silva, A. T., & Verdu, A. C. M. A. (2012). O uso do treino de habilidades sociais em pessoas com fobia social na terapia comportamental. *Perspectivas em análise do comportamento*, *3*(1), 38-56. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482012000100005.

Simonassi, L. E. (2001). Fazer, dizer e pensar: comportamentos operantes inter-relacionados. *Anais do II Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*. Salvador: Bahia, publicado eletrônica em CD-Rom.

Simonassi, L. E., Pinto, M., & Tizo, M. (2012). Procedimento alternativo para produção de correspondência. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, *13*(3), 34-51. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452011000300004.

Skinner, B. F. (1982). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.

Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental.* 2ª ed. Campinas: Papirus. Skinner, B. F. (2000*). Ciência e Comportamento humano*. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Thomaz, C. R. C. (2012). Episódios emocionais como a interação entre operantes e respondentes. In Borges, N. B.; Cassas, F, A. e cols. *Clínica Analítico Comportamental: aspectos teóricos e práticos* (p. 40-48). Porto Alegre: Artmed.

Todorov, J. C. (2007). A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *23*, 57-61.

Todorov, J. C. (2012). Sobre uma definição de comportamento. *Perspectivas em análise do comportamento*, *3*(1), 32-37. Recuperado em 03 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482012000100004.

Todorov, J., & Henriques, M. (2013). O que não é e o que pode vir a ser comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, *9*(1). Recuperado em 03 de junho de 2020, de https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/2133